

APOSTO EXPLICATIVO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE À LUZ DA SEMÂNTICA COGNITIVA

*Natan Oliveira Ferreira*¹

*Orientador: Jussara Abraçado*²

RESUMO: Verifica-se que o enquadramento do aposto dentro do quadro investigativo da Gramática Tradicional (GT) como elemento integrante e/ou acessório no âmbito da sintaxe causa inúmeras questões de incompreensão. A designação *aposto* engloba uma série de construções de natureza diversas. A caracterização de tal fenômeno é feita com base em critérios de ordem prosódica, morfossintática e semântica a depender do gramático. O fundo comum em todas as análises é, basicamente, de natureza substantiva sob o viés tradicional. No entanto, Azeredo (2010), em sua gramática descritiva, aprofunda-se na caracterização do aposto ao afirmar que a função primária do Sintagma Nominal (SN) aposto é explicitar o referente contido no termo precedente. Segundo o autor: “aposição é o processo por meio do qual o núcleo primário ou fundamental de um SN vem acompanhado de um segundo SN, seu núcleo secundário, que particulariza a referência classificatória do primeiro”, ou seja, o autor tenta dar conta dos diferentes tipos de aposto elencados pela GT partindo do pressuposto lógico-dedutivo segundo o qual o problema seria resolvido através da ótica da explicitação de algo inerente que, contudo, extrapola a própria construção sintática. Propomos neste trabalho estudar a categoria ‘aposto’ em termos semântico-cognitivos. Para tal, formulamos algumas questões que precisam ser consideradas, ao se levar em conta que o aposto é o elemento funcional da sentença que serve para especificar semanticamente o SN à esquerda: (1) quando o aposto atua explicando e quando o aposto é recategorizador? (2) Se o aposto for entendido em termos de uma categoria radial, é possível criar uma escalaridade entre apostos denominados explicativos? (3) Se explicar e recategorizar são operações metonímicas, de que forma interagem com os SNs sob seu escopo? (4) Especificação e recategorização têm relação com (graus de) subjetividade? Tais questões foram testadas empiricamente através do cotejo entre exemplos extraídos de compêndios gramaticais e dados de língua em uso.

Palavras-chave: Aposição; Prototipicidade; Ponto de referência.

O objetivo deste artigo é lançar apontamentos iniciais sobre o fenômeno gramatical da aposição à luz dos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva (LC). Para tanto, optamos

¹ Mestrando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

² Professora Titular do departamento de Ciências da Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF).

primeiro por fazer uma revisão bibliográfica a partir das principais gramaticais do português brasileiro (PB). Em segundo lugar, apresentamos contribuições do Funcionalismo de MEYER (1992), de alguns trabalhos da Linguística Textual KOCH (1997) e MARCUSCHI (2016), e da noção de ponto de referência de LANGACKER (2013). Por último, observamos alguns exemplos de jornal *online* escrito para verificar como a noção de ponto de referência pode ser aplicada para entender a noção de aposição como um fenômeno eminentemente mental. Vale ainda lembrar que consideramos para fins deste artigo a terminologia aposto explicativo, por ser esse o aposto prototípico, dos quais os demais derivam.

Para fins deste trabalho, faremos uma distinção entre aposto e aposição. O aposto ocorre em ambiente infraoracional instanciado por Sintagmas Nominais (SNs) que se relacionam basicamente pelo princípio da correferencialidade. Enquanto aposição ocorre em um nível macro: entre orações ou articulando porções textuais dentro do mesmo parágrafo. Podemos afirmar ainda que aposição é um processo que subjaz as materializações gramaticais que na literatura linguística vem recebendo o nome de aposto ora infraoracional ora interoracional.

Estudamos para fins deste trabalho três obras de referência: duas gramáticas tradicionais e uma mais atual a fim de entender como os mesmos categorizam gramaticalmente o aposto. Comparamos as três no intuito de apontar semelhanças e diferenças. A primeira delas é *A Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Celso Cunha e Lindley Cintra (2013, p.171) que “o aposto tem o mesmo valor sintático do termo a que se refere”. Nessa esteira, o aposto pode sob o ponto de vista funcional atuar como sujeito, predicativo, complemento nominal, objeto direto, objeto indireto, aposto no agente da passiva, aposto no adjunto adverbial, aposto no aposto e aposto no vocativo. Ou seja, quaisquer funções sintáticas que admitam como núcleo um substantivo podem receber a classificação de aposto a depender do contexto linguístico. É importante ressaltar que Cunha e Cintra não utilizam a palavra contexto para caracterizar essa categoria. Segundo ainda os autores:

APOSTO é o termo de caráter nominal que se junta a um substantivo, a um pronome, ou a um equivalente destes, a título de explicação ou de apreciação: Eles, **os pobres desesperados**, tinham uma euforia de fantoches. Mas como explicar que, logo em seguida, fossem recolhidos José Borges de Couto Leme, **pessoa estimável**, o Chico das Cambraias, **folgazão emérito**, o escrivão **Fabício**, e ainda outros?
(CUNHA & CINTRA, 2013, 169-170)

Ainda destacam que “entre o aposto e o termo a que ele se refere, há, geralmente, uma pausa, marcada por vírgula, mas que pode não haver pausa entre o aposto e a palavra principal,

quando esta é um termo genérico, especificado ou individualizado pelo aposto” como em A cidade de Lisboa.

CUNHA e CINTRA (2013, p.170-171) mencionam ainda o aposto que pode

a) ser representado por uma oração,

A outra metade tocara os sobrinhos, com uma condição expressa: **que o legado só lhes fosse entregue trinta anos depois.**

b) referir-se a uma oração inteira:

Pedi que lhe fornecessem papel de carta e que lhe restituíssem a sua caneta, **o** que lhe foi concedido.

c) ser enumerativo, ou recapitulativo:

Tudo o fazia lembrar-se dela: **a manhã, os pássaros, o mar, o azul do céu, as flores, os campos, os jardins, a relva, as casas, as fontes, sobretudo as fontes, principalmente as fontes!**

Os porcos do chiqueiro, as galinhas, os pés de bogari, o cardeiro da estrada, as cajazeiras, o bode manso, **tudo** na casa de seu compadre parecia mais seguro do que dantes.

BECHARA (2004, p.456) chama aposto:

(...) a um substantivo ou expressão equivalente que modifica um núcleo nominal (ou pronominal ou palavra de natureza substantiva como amanhã, hoje, etc.), também conhecido pela denominação fundamental, sem precisar de outro instrumento gramatical que marque esta função adnominal.

Bechara, ao contrário de Cunha e Cintra, não enquadra o aposto sob o rótulo de “termo acessório”. Assim como as outras funções da oração, Bechara em sua *Moderna Gramática Brasileira*, não explicita se o aposto é termo acessório ou integrante. De qualquer maneira, o

autor declara que há, basicamente, dois tipos de aposto: explicativo e especificativo. O aposto explicativo geralmente vem marcado por pausa (vírgula, travessão ou parênteses) enquanto o aposto especificativo se adjunge ao substantivo fundamental diretamente restringindo a designação genérica do núcleo primário. O aposto explicativo apresenta valores secundários, tais como: enumeração, distribuição e circunstância.

- Aposto especificativo:

O rio *Amazonas* deságua no Atlântico.

- Aposto explicativo:

Clarice, *a primeira neta da família*, cursa Direito.

- Aposto enumerativo:

Tudo – alegrias, tristezas, preocupações – ficava estampado logo no seu rosto.

- Aposto Distributivo

Machado de Assis e Gonçalves Dias são os meus escritores preferidos, *aquele na prosa e este na poesia*.

- Aposto Circunstancial:

D. João de Castro, *quando vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba.

Algumas vezes, o aposto especificativo vem introduzido pela preposição *de*, especialmente se se trata de denominações de instituições, de logradouros, de acidentes geográficos. Bechara (2004, p.458) para dar cabo ao problema desse último caso, afirma que a aposição com *de x* Adjunto adnominal.

- Colégio *de Santa Rita*
- Praça *da República*
- Ilha *de Marajó*
- Cidade *do Recife*

Tal construção , materialmente falando, aproxima o aposto do adjunto adnominal preposicionado (...), todavia, do ponto de vista semântico, há diferença entre *Ilha de Marajó* e *casa de Pedro*. Em *casa de Pedro*, casa e Pedro são duas realidades distintas, enquanto em *Ilha de Marajó* se trata de uma só realidade, já que ambos querem referir-se a um só conteúdo de pensamento designado.

Azeredo (2010, p.253) seguindo a linha argumentativa da correferencialidade de sintagmas afirma que a função primária do SN aposto é explicitar o referente contido no mesmo. Segundo o autor: “aposição é o processo por meio do qual o núcleo primário ou fundamental de um SN vem acompanhado de um segundo SN, seu núcleo secundário, que particulariza a referência classificatória do primeiro”. Ou seja, o autor tenta dar conta dos diferentes tipos de apostos elencados pela GT partindo do pressuposto lógico-dedutivo no qual o problema seria resolvido através da ótica da explicitação de algo inerente, porém, oculto à própria construção sintática. Depreende-se da leitura acerca do aposto que os mais comuns são: **o aposto explicativo** (o da correferencialidade) e **o aposto especificativo** (particularização de referência genérica). Igualmente, temos dessas duas noções primitivas, quatro tipos: **aposto explicativo**, **aposto atributivo**, **aposto enumerativo** e **aposto recapitulativo**. No entanto, o autor não especifica qual a noção de referenciação é subjacente à caracterização do aposto.

FUNCIONALISMO

A construção apositiva para os funcionalistas é considerada um processo gradual. Adotamos a perspectiva de Meyer (1992) nesse trabalho, pois o mesmo realizou um estudo exaustivo sobre o assunto intitulado *Apposition in contemporary English*. Há, basicamente, três macroclassificações para as construções apositivas para esse autor:

- Construção exocêntrica: se os dois constituintes são obrigatórios.
- Construção subordinativa: se apenas um dos constituintes é obrigatório.
- Construção coordenativa: se nenhum dos constituintes for obrigatório.

A aposição é recebe pouca atenção nos compêndios gramaticais tradicionais e geralmente, sua descrição se limita ao nível da oração. Além disso, as propriedades textuais e discursivas dessa construção não são abordadas: o que prejudica uma compreensão plena desse fenômeno. Em Dias (2016, p.63), a aposição é definida da seguinte forma:

A construção apositiva é constituída pela unidade A, base, e pela unidade B, apositiva. A aposição tem sido observada como uma relação gramatical constituída, predominantemente, por sintagmas nominais, embora possa se realizar como aposição não-nominal oracional e sentencial (MEYER (1992).

Como podemos observar a noção que aparece na superfície textual é a de conclusão. No entanto, o efeito avaliativo é o que garante a progressão temática do texto; atuando também na mudança de tópico da conversa. Ressaltamos que na Unidade A os fatos encapsulados pela língua fazem parte de um plano mais “concreto” de representação; enquanto a unidade B apositiva diz em outras palavras as evidências colocadas em primeiro plano pelo locutor. Parece-nos que há uma mudança de perspectiva do texto a partir da Unidade B. A correferencialidade é concebida tendo em vista o locutor. O que Dias (2006, 2008, 2009, 2011, 2016) denomina **correferencialidade do ponto de vista do locutor**.

LINGUÍSTICA TEXTUAL:

O aposto, basicamente, para a Linguística Textual atua na reconstrução de referentes. Em Koch (1997), a ordem linear dos sintagmas está pautada na distribuição informacional entre os SNs. Portanto, o aposto quando aparece na posição de SN2 atua recategorizando o referente, isto é, avaliado de forma objetiva ou subjetiva. Para CAVALCANTE e SANTOS (2012, p.660):

Em todo texto/discurso, o enunciador constrói a referência com base numa interpretação do mundo real, recategorizando a informação precedente ao acrescentar novas predicções, disponíveis, em diferentes medidas, no conhecimento das pessoas, à medida que transcorre a interação. Por esse aporte de informação nova, o enunciador conduz o destinatário (que coparticipa dessa construção, sendo, por isso, um coenunciador) a uma reinterpretação ou refocalização do elemento referido. Pelas estratégias de recategorização, a imagem do referente que o coenunciador constrói em sua memória vai evoluindo à medida que se desenvolve o discurso.

Ainda segundo as autoras, o aposto atua como uma espécie de reconstrução do mundo extralinguístico. Por essa razão, há a menção aos referentes como *objetos do discurso*, uma vez que os mesmos nunca estão prontos e/ou estabilizados servindo a diferentes propósitos comunicativos variando de acordo com a sequência discursiva, gênero textual, modalidade da língua e pressões de uso dos falantes.

REFERENCIAÇÃO:

Tendo em vista que a noção de referência aparece constantemente associada à caracterização do ‘aposto’, podemos nos perguntar qual a noção de referência mais apropriada para conceber o fenômeno. Antes de adentrarmos na noção de ponto de referência – específica da Linguística Cognitiva, tomemos nota da noção de referência/referenciação utilizada atualmente nos estudos linguísticos. MARCUSCHI (2016, p.47) nos fala sobre uma virada cognitivista na história dos estudos linguísticos (*a cognitive turn*). Nas palavras do linguista: “A maior parte de nosso conhecimento é construída com a linguagem (contando aí os vários sub-sistemas, tais como os sons, as formas e os itens lexicais) na comunicação social situada.”. Dessa forma, o conhecimento é construído social e historicamente no uso que os sujeitos interagem com a realidade extralinguística, ou seja, o significado embora possa parecer estável não é dado a priori. Para subsidiar sua tese, é-nos fornecido um exemplo de uma mesma palavra atualizada em contextos diferentes a partir de um significado-base:

- (1) A madame saiu à rua com seu cachorro.
- (2) A policial saiu à rua com seu cachorro.
- (3) A carrocinha da Prefeitura recolheu um cachorro.

Em cada um dos exemplos dados pelo autor, a unidade [CACHORRO/cachorro] significa algo para além de propriamente “animal”. Nos exemplos, temos, respectivamente: (1) *poodle*; (2) *pastor alemão*; (3) *vira-lata*. Por considerar o ato de se referir a objetos do mundo como uma atividade dinâmica, o termo ‘referência’ está sendo substituído pelo de ‘referenciação’ com o objetivo de salientar o caráter processual de categorização do mundo através da linguagem.

LINGUÍSTICA COGNITIVA:

O paradigma da Linguística Cognitiva inclui diversos movimentos teóricos cujo principal objetivo é compreender a relação entre a mente e linguagem. Nesse sentido, o significado assume papel central na codificação das expressões linguísticas e não pode ser separado com rigidez de outras subestruturas: sintaxe, léxico e fonologia.

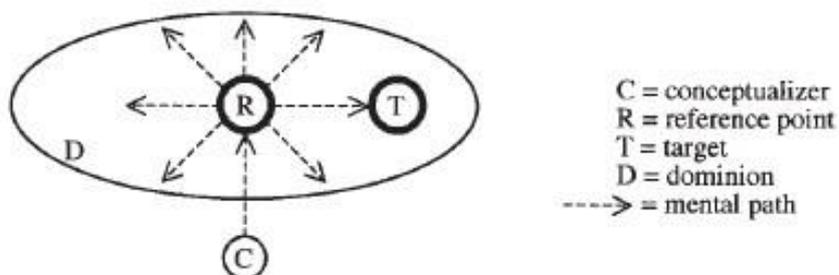
Em Evans e Green (2006), a linguagem consiste de **unidades simbólicas** que são combinadas de várias maneiras para desempenhar basicamente duas funções: comunicação social e interação social. Essas duas funções são mediadas pela linguagem em um par convencional de forma-significado. Uma unidade convencional pode ser uma subparte significativa de uma palavra como um morfema, por exemplo; nesse sentido, sintagmas nominais, verbais etc. e até mesmo enunciados completos podem ser concebidas como unidades convencionalizadas. Um exemplo extremo desse último caso são as expressões idiomáticas cujos significados não derivam da soma das partes que compõem essas expressões. Ainda segundo as autoras, outros teóricos reservam o termo **construção** para designar o pareamento convencional entre forma e significado.

Soares (1997, p.1) baseado nos estudos linguísticos até então vigentes iguala significado à conceptualização, isto é, o significado é construído em operações de dinâmicas entre sujeito, linguagem e realidade.

Tendo em vista que determina construção sintática reflete um modo de conceptualização de uma cena, de que maneira a construção apositiva prototípica revela a experiência do conceptualizador em relação a um evento? Para tal, lançamos mão da noção de ponto de referência em LANGACKER (2013) para dar conta do fenômeno gramatical como um processo mental que considera a aposição um tipo particular de escaneamento em casos onde o caminho mental até o objeto passa por momentos discretos. Cada elemento acessado é individualmente saliente servindo de âncora ou ponto de referência para a compreensão do posterior.

O esquema cognitivo de ponto de referência é esquematizado a seguir:

MEANING AND SYMBOLIZATION



O modelo cognitivo de ponto de referência é aplicado a diversas áreas do conhecimento, uma vez que esse modelo envolve operações gestálticas de figura/fundo, proeminência,

saliência, focalização, especificidade e perspectivização. Interessa-nos aqui entender o ponto de referência como uma operação metonímica e particularmente, as noções de perfilhamento(figura/fundo) e perspectivização. Observemos a seguir o exemplo retirado do jornal *Folha de São Paulo*:

No final da tarde desta terça, o Corpo de Bombeiros do Rio informou que seu **comandante-geral, coronel Ronaldo Alcântara**, pediu afastamento do cargo, ao **governador Luiz Fernando Pezão** (PMDB). Quem assume o posto **é o atual subcomandante-geral e chefe do Estado-Maior Geral, coronel Roberto Robadey**. Robadey fica responsável também pela Defesa Civil estadual, por determinação de Pezão. (APOSTO EXPLICATIVO, APOSTO ESPECIFICATIVO e APOSTO EXPLICATIVO)

(Reportagem do dia 12/09/2017, acesso em 12/09/2017)

(Link: < <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/09/1917687-acao-no-rio-mira-bombeiros-suspeitos-de-cobrar-propina-para-liberar-alvaras.shtml>>)

Observa-se no exemplo anterior que se SN1 e SN2 desempenham ora a função de trajetor(t) ora de marco(m)³. Levando-se em consideração que o aposto prototípico é o explicativo, pois é compartilhado por mais falantes como em “Lula, **Presidente da República**”. No entanto, os nomes próprios sob o escopo do aposto aparecem na posição de SN2. Percebemos que o aposto especificativo Governador **Luiz Fernando Pezão** perfila e escopa o SN1 constituindo o todo como um único referente. Ambas as construções realizam operações metonímicas em relação aos nomes próprios. Além disso, os determinantes (demonstrativos, artigos) que encabeçam os apostos explicativos evidenciam que a relação do ponto de referência representa o significado essencial do aposto explicativo colocando em proeminência determinado atributo do SN1.

Façamos um exercício imaginativo: digamos que eu conte para alguém que conheci alguém no meu trabalho. Dada a situação, posso me reportar da seguinte forma: X, Det +SN = João, o supervisor escolar, de quem lhe falei veio ontem aqui. Uma mesma asserção acerca do referente **João** seria muito pouco provável de acontecer sem a marcação do aposto prototípico, uma vez que **o referente** é ativado por um MCI cujo domínio é o de profissão; ou o modo como o referente é apresentado ao mundo. Em contrapartida, se digo: João **meu grande colega de trabalho**; a mesma informação implica perspectivização, proeminência e especificidade

³ No original “Landmark”. Acreditamos que “Landmark” também possa ser traduzido por ponto de referência. No entanto, optamos por manter a terminologia *marco* já consagrada na literatura linguística.

diferentes. Os exemplos a seguir retirados do mesmo jornal confirmam a hipótese acima levantada:

*O empresário Lúcio Bolonha Funaro afirmou ter ouvido do ex-deputado federal Eduardo Cunha que o presidente da República, Michel Temer, participava de um esquema de arrecadação de propina dentro do PMDB, segundo reportagem publicada na sexta (8) pela revista "Veja". (APOSTO ESPECIFICATIVO E EXPLICATIVO)
(Acesso em 12/09/2017)
(Link para a reportagem:
<<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/09/1917014-em-delacao-funaro-acusa-temer-de-participacao-em-esquema-diz-revista.shtml>>)*

Nesse excerto, O ponto de referência localizado em **Michel Temer** serve como acesso mental para a compreensão do SN1(o presidente da república). A pergunta é: por que o SN2 foi deslocado de sua posição de informação dada para servir como novo ponto de referência: há nesse deslocamento recategorização?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que a categoria apostro é um elemento mal compreendido pela maioria dos gramáticos. Não há uma coadunação de critérios harmônicas para a caracterização desse fenômeno.

Buscamos por meio da revisão desse tema por diferentes teorias e correntes linguísticas identificar o que há de comum em todas: a de que o apostro possui caráter essencialmente nominal, referencial e designativo.

Chegamos à conclusão que para uma melhor categorização desse fenômeno, a Linguística Cognitiva, e mais especificamente, a Semântica Cognitiva nos oferece caminhos alternativos para compreender as relações desse fenômeno com capacidades cognitivas mais gerais: como atenção e focalização, por exemplo.

Além disso, empreendemos uma análise que contasse com alguns dados de uso da língua no português brasileiro através de jornais online, uma vez que é no discurso escrito que esse fenômeno se apresenta com mais clareza e contorno. O levantamento de dados ainda está em andamento.

Ainda é finalidade de esse trabalho relacionar tal fenômeno a domínios mais gerais do conhecimento humano como a metonímia, protótipos e ponto de referência de maneira mais sistemática. Ao que tudo indica, parece possível construir uma rede semântica do apostro em português com base na gramática cognitiva.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; DOS SANTOS, Leonor Werneck. *Referenciação e marcas de conhecimento partilhado*. Linguagem em (Dis) curso, v. 12, n. 3, p. 657-681, 2012.

DIAS, N. B. *Cláusulas apositivas em português: estatuto sintático- discursivo*. *Estudos Lingüísticos* (São Paulo), v. XXXV p. 1534-1543, 2006. DIAS, N. B.; FERREIRA, J. C. L.; COSTA, R. D. .

DIAS, N. B.; FERREIRA, J. C. L. ; COSTA, R. D. . *As construções apositivas (conexão \emptyset e conector 'por exemplo': interface com movimentos argumentativos)*. Diadorim (Rio de Janeiro), v. 4, p. 73-92, 2008. .

DIAS, N. B.; CASTILHO, Ataliba . *As pequenas cláusulas e as construções apositivas*. In: Castilho, Ataliba. (Org.). *História do Português Paulista, série Estudos .volume I*. 1ed.Campinas/SP: Publicações IEL/Unicamp, 2009, v. 1, p. 559-570.

DIAS, N. B.; MOURA, Marcela Zambolim de . *A avaliação na oração matriz e no segmento A*. *Veredas* (UFJF. Online), v. 15, p. 191-205, 2011.

DIAS, Nilza Barrozo. *Cláusulas apositivas “desgarradas” em português: estatuto sintático-discursivo*. *Revista Veredas* 8.1 e 2 (2016).

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. *An introduction to cognitive linguistics*. 2006, p.5-52.

KOCH, Ingedore. *O texto: construção de sentidos*. *Organon*, v. 9, n. 23, 1997, p.7-35.

LANGACKER, Ronald W. *Essentials of cognitive grammar*. Oxford University Press, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. 3) *Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa*. *Revista Veredas*, v. 6, n. 1-, 2016, p.43-62.

MEYER, Charles F. *Apposition in contemporary English*. Cambridge University Press, 1991.

DA SILVA, Augusto Soares. *A linguística cognitiva uma breve introdução a um novo paradigma em linguística*. *Revista portuguesa de humanidades*, v. 1, p. 61, 1997.

ACESSOS A WEBSITES

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/09/1917014-em-delacao-funaro-acusa-temer-de-participacao-em-esquema-diz-revista.shtml>, acesso em 12 de setembro de 2017.

<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/09/1917687-acao-no-rio-mira-bombeiros-suspeitos-de-cobrar-propina-para-liberar-alvaras.shtml>, acesso em 12 de setembro de 2017.